

A amante
Ninguém é única

Cícero Vitorino

A amante
Ninguém é única

Frôntis ð Editorial
Santa Bárbara D'Oeste / SP
2026

Copyright© 2026 Cícero Vitorino

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, reprográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - abril de 2026

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Cícero Vitorino do Nascimento
A amante : ninguém é única / Cícero Vitorino do
Nascimento Santos. -- 1. ed. -- Santa Bárbara
D'Oeste, SP : Frôntis Editorial, 2026.

ISBN 978-85-87962-29-4

1. Romance brasileiro I. Título.

26-349974.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Dedicatória

Dedico esta obra a todos que buscam, na complexidade dos afetos, um caminho honesto de volta para a própria verdade.

Aos Ricardos, que o silêncio destas páginas seja um convite à reflexão. Que aprendam a honrar o que construíram antes que o frio do inverno invada a casa; que entendam que procurar fora o que se deixou esfriar dentro do relacionamento não é fuga, é escolha, e toda escolha deixa um rastro de dor que marca não apenas duas ou três vidas, mas fere de forma permanente o mundo daqueles que ainda não têm idade para entender por que o castelo ruiu. Lembrem-se: o patrimônio se divide, mas o coração de um filho é indivisível.

Às Beatrizes, que este relato seja um espelho de valorização. O amor não escolhe faces, mas a dignidade escolhe onde permanecer. Que vocês enxerguem a própria luz e compreendam que aceitar as migalhas de um compromisso alheio não é amor contido, é fraqueza disfarçada de afeto. Vocês são grandiosas demais para serem coadjuvantes no choro escondido de uma criança que sequer conhecem.

Às Helenas, pilares e alicerces de tantos lares. Que a força de estarem no topo não as distraia da delicadeza que sustenta o ninho. Que as manchas do desprezo e as batalhas desnecessárias não destruam o que foi erguido com tanto esforço. O alicerce que sustenta a família precisa de cuidado constante; quando ele racha, são os pequenos que sentem o tremor primeiro.

E a todos nós, seres humanos imperfeitos, que a literatura não nos absolva, mas nos desperte — e nos ensine que o caráter é o único teto capaz de proteger nossos filhos das tempestades que nós mesmos insistimos em criar.

Sumário

Dedicatória 5
Introdução 9

Parte I
Ilusão do controle

Capítulo 1
O quarto 402 13
Capítulo 2
O peso das sombras 17
Capítulo 3
O jantar de aniversário 21
Capítulo 4
O cruzamento inevitável. 25

Parte II
A erosão das máscaras

Capítulo 5
Mensagens não lidas 31
Capítulo 6
A curiosidade de Beatriz. 35
Capítulo 7
O confronto silencioso 39
Capítulo 8
A promessa quebrada 43

Parte III
O nome vai, o rastro fica

Capítulo 9	
O encontro deliberado	49
Capítulo 10	
O xeque-mate.	53
Capítulo 11	
A escolha de Ricardo.	57
Capítulo 12	
O peso das águas caladas	61
Sobre o autor	61

Introdução

A estética do abismo

O silêncio é a substância mais pesada que existe. Nas casas bem decoradas, nos escritórios de carvalho negro e nos quartos de hotéis com lençóis de mil fios, ele não é a ausência de som; é a presença de tudo o que não pode ser dito. Dizem que o adultério é um crime de paixão. Enganam-se. O adultério, em sua forma mais refinada, é um crime de logística. É a arte de equilibrar dois mundos que, por leis físicas e emocionais, jamais deveriam se tocar. Ricardo acreditava ser o mestre dessa física. Ele movia peças, inventava reuniões e distribuía afetos como se estivesse administrando um inventário de sombras. Mas toda estrutura tem um limite de carga.

Nesta história, não há vítimas puras nem vilões imagináveis. Há Helena, que transformou a paciência em uma arma silenciosa de longo alcance. Há Beatriz, que buscou na clandestinidade a validação que sua própria luz ainda não sabia sustentar. E há o rastro de destruição que a falta de caráter deixa quando tenta ocupar dois lugares ao mesmo tempo.

A Amante: ninguém é única não oferece absolvições fáceis. Este é um convite para olhar sob a superfície. É um lembrete de que as águas mais profundas são as que menos fazem barulho — e são exatamente essas que têm o poder de nos afogar.

Prepare-se para mergulhar nessa trama. O Quarto 402 está com a luz acesa, mas o que você encontrará ali não é conforto. É o ponto sem retorno

Parte I
Ilusão do controle



Capítulo 1

O quarto 402

O ponteiro dos segundos no relógio de parede da recepção parecia desafiar o silêncio do corredor. Beatriz não olhava para o visor do celular; ela sentia o calor do aparelho vibrar na palma da mão, uma contagem regressiva silenciosa. No quarto 402, o ar-condicionado produzia uma nota constante e fria, tentando em vão dissipar o cheiro de lavanda barata e desinfetante que impregnava as cortinas pesadas.

Ricardo estava em pé junto à janela, a fresta da persiana desenhando listras de luz e sombra sobre seu terno cinza. Ele não tirava o paletó. Nunca tirava, a menos que o tempo permitisse o luxo do esquecimento. Para ele, aquele quarto era um parêntese; para ela, era o capítulo principal.

— Você está inquieta hoje — disse ele, sem se virar. A voz saiu baixa e firme, a mesma que usava em reuniões de diretoria, mas ali carregava um cansaço discreto, desses que só se deixa escapar longe dos outros.

Beatriz sentou-se na beira da cama. O lençol de percal estalou sob seu peso. Ela traçou com o dedo o contorno de uma mancha quase invisível na colcha.

— O tempo está passando mais rápido, Ricardo. Ou talvez o silêncio esteja ficando mais barulhento.

Ele finalmente se virou. O nó da gravata estava impecável, um símbolo da vida que o esperava lá fora. Caminhou até ela e pousou a mão em seu ombro. O toque era quente, mas carregava o peso de quem já está de saída. Beatriz fechou os olhos. Não era um gesto de carinho, era uma âncora.

— Helena perguntou por que estou saindo mais cedo às terças — ele soltou, como quem verbaliza algo que preferia manter sob controle.

O nome dela ecoou no quarto como um vidro quebrado. Beatriz não se encolheu. Ela apenas sentiu o estômago contrair, aquela velha acidez que o café preto não conseguia curar. Ela olhou para o relógio de pulso de Ricardo. Falta-vam alguns minutos.

— E o que você disse? — Perguntou, a voz saindo mais rouca do que pretendia.

— O de sempre. Logística, atrasos, novos contratos. Ela finge que acredita. Eu finjo que não percebo que ela finge.

Ricardo se inclinou e beijou o topo da cabeça de Beatriz. O cheiro dele era uma mistura de loção pós-barba cara e o estresse do escritório. Era um cheiro de realidade. Ele se afastou, pegando a maleta de couro sobre a poltrona.

— Vejo você na quinta?

Beatriz forçou um sorriso que não chegou aos olhos. Ela se levantou e ajeitou a gola da camisa dele, um gesto automático de quem cuida do que não lhe pertence.

— Quinta — repetiu.

Quando a porta se fechou com um clique seco, o silêncio do quarto 402 voltou a pesar. Beatriz caminhou até a janela e afastou a persiana. Lá embaixo, o carro de Ricardo se fundia ao tráfego de fim de tarde. Ele era apenas mais um ponto na correnteza. Ela ficou ali, observando até que o rastro dele desaparecesse, com a sensação de que algo ficava para trás, toda vez.



Capítulo 2

O peso das sombras

*H*elena ajustou o porta-retratos de prata sobre o aparador de mogno. Três milímetros para a esquerda. Agora, o sorriso congelado de Ricardo na foto da última viagem à serra parecia alinhar-se perfeitamente com o centro da sala. Ela gostava de ordem; a ordem era a única coisa que impedia o caos de atravessar a porta da frente.

Na cozinha, o som rítmico da faca contra a tábua de madeira era o único metrônomo da casa. Helena picava sal-sinha com uma precisão cirúrgica. Ela não precisava olhar para as mãos; seus dedos conheciam o caminho do aço tanto quanto conheciam as texturas dos ternos de Ricardo quando os separava para a lavanderia.

O som da chave girando na fechadura ecoou pelo corredor às 19:14. Seis minutos fora do padrão das terças-feiras.

— Cheguei, Helô — a voz de Ricardo veio acompanhada pelo som da maleta sendo pousada no banco do hall.

Helena não interrompeu o movimento da faca.